

Educação Sexual no cenário escolar contemporâneo

Sex Education: new approaches in the contemporary school scenario

Andréa Costa da Silva

Universidade da Força Aérea (UNIFA)
acostadasilva@gmail.com

Ana Cristina L M Lima

Universidade do Rio de Janeiro (NUTES/UFRJ)
anamolima@ig.com.br

Vera Helena Ferraz de Siqueira

Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUTES/UFRJ)
verahfs@yahoo.com.br

Resumo

Neste trabalho apresentamos um recorte de duas pesquisas de doutorado em Educação em Ciências e Saúde; através de abordagem qualitativa, analisamos discursos docentes sobre sexualidade na escola, sob a perspectiva foucaultiana e dos Estudos Culturais. Foi possível perceber que a Educação Sexual encontrou sua principal voz através do discurso da Saúde e da Biologia, o que tornou o ensino de Ciências o local mais propício para a abordagem de tais questões. Notamos também a preocupação por parte dos/das docentes com a constituição moral do sujeito, em que os atos voltados ao “analisar-se”, tomar para si o próprio destino ficaram evidentes. Acreditamos que para discussão da sexualidade na escola, seria necessário um investimento maior em abordagens realizadas de forma dialógica, despertando nos/as alunos/as questionamentos que trazem à tona, inclusive, situações existenciais vividas no cotidiano escolar.

Palavras chave: educação sexual, docentes, discurso, sexualidade, gênero.

Abstract

In this work we present partial results of two doctorate researches in Health and Sciences Education. Through a qualitative approach we analyze teachers discourses about sexuality at school, from foucaultian and Cultural Studies perspectives. We perceived that Sex Education found its main voice through the biology and health discourse, which constituted science teaching the most appropriate space. It was also evidenced the teachers concern with the moral constitution of the individual, in which the acts directed to "analyze oneself" and take one's own destiny into hands became evident. We believe a larger investment is needed toward sexuality discussion at school, with approaches performed in a dialogic way, awakening in the students questions which bring out existential situations experienced in their daily school life.

Keywords: sex education, teachers, discourse, sexuality, gender

Introdução

O presente trabalho traz um recorte de duas pesquisas de doutorado¹ desenvolvidas no Programa de Pós-graduação em Educação em Ciências e Saúde (NUTES/UFRJ) entre os anos de 2009 e 2012 em 5 escolas do Rio de Janeiro. Através de abordagem qualitativa buscamos analisar os discursos de docentes envolvidos na abordagem dos temas sexualidade com seus/suas alunos/as no contexto escolar. Como referencial teórico metodológico apoiamos-nos na perspectiva dos Estudos Culturais, com ênfase em algumas noções foucaultianas para compreensão de questões como sexualidade, gênero e processos de subjetivação. Como instrumento de coleta de dados utilizamos entrevistas semiestruturadas.

Ao longo dos últimos anos a abordagem dada às questões de gênero e sexualidade no contexto escolar tem sido exaustivamente discutida; autores/as apontam que ainda que haja uma orientação para que seja feita uma abordagem transversal das mesmas, esta geralmente é feita de forma exclusivamente biológica, em diálogo mais restrito com uma literatura oriunda da saúde reprodutiva, onde o estudo do corpo é delegado ao campo da biologia (ALTMANN, 2005; LOURO, 2001); uma das consequências observadas é que a educação sexual acaba sendo delegada ao “saber competente” das ciências, se restringindo às aulas de Ciências e Biologia (BARROS e RIBEIRO, 2012). Assim é que se apontam, entre outros aspectos, para a desconsideração de questões referentes ao cotidiano do/a aluno/a, experiências e indagações que surgem no seu dia a dia; ou seja, seriam deixados de lado processos vividos referentes à sexualidade e aos vínculos afetivos e outras dimensões inerentes ao ser humano. As duas pesquisas referidas se entrelaçam na medida em que investigam espaços e práticas em educação em Ciências e Saúde, contribuindo para o campo em questão em aspectos como a formação e construção de identidades docentes, como também apresentando resultados das abordagens sobre sexualidade e gênero nos contextos escolares.

Educação sexual e a sexualidade na escola: uma visão pós-estruturalista

Foucault discute que a vontade de saber está imbricada nos discursos que envolvem a discussão da sexualidade, e por esta via Altmann (2006, p.2-3) situa o lugar contemporâneo da sexualidade em nossa sociedade: [...] Mais do que um problema moral, ela [a sexualidade] é vista como um problema de saúde pública e a escola desponta como um local privilegiado de implementação de políticas públicas que promovam a saúde de crianças e adolescentes.” (ALTMANN, 2006, p.2-3). A autora sustenta que a presença desse tema na escola se deve “[...] ao fato da sexualidade ser um importante foco de investimento político e instrumento de tecnologia de governo” (ALTMANN, 2006, p. 2). Como afirma Louro, a escola é uma entre as múltiplas instâncias sociais que exercitam uma pedagogia da sexualidade e do gênero, colocando em ação várias tecnologias de governo. Esses processos prosseguem e se completam através de tecnologias de auto disciplinamento e autogoverno exercidas pelos

¹ Referimo-nos às seguintes teses: “Ensino de Sexualidade: saberes, poderes e subjetivação na literatura escolar”, defendida no NUTES/ UFRJ, por Andréa Costa da Silva, em que investigamos através da análise de discurso de docentes e jovens, os usos e apropriações de livros paradidáticos que abordavam temas como sexualidade, gênero e saúde reprodutiva; e, à pesquisa de doutorado em andamento no NUTES/UFRJ intitulada “Gênero, sexualidade e o currículo escolar: processos de subjetivação”, por Ana Cristina Lima, que investiga como as questões de gênero e sexualidade são evidenciadas na escola e se articulam a discursos e práticas e à estratégias de poder, saber e normalização presentes no cotidiano escolar.

sujeitos sobre si próprios, havendo um investimento continuado e produtivo desses sujeitos na determinação de suas formas de ser ou “jeitos de viver” sua sexualidade e seu gênero. Com o olhar nas práticas que conduzem a este “falar” sobre o sexo, César (2009) indica que nos anos vinte e trinta do século XX surgem no Brasil as primeiras preocupações explícitas concernentes à educação do sexo de crianças e jovens. Para a autora, o investimento em educação sexual fica consolidado no ano de 1922, quando Fernando de Azevedo² argumenta sobre a necessidade de ensino deste conteúdo nas escolas por considerar “interesse moral e higiênico do indivíduo” e para o “interesse da raça” (CÉSAR, 2009, p.39).

Com os pressupostos da autora podemos perceber que poderes e saberes estão entrelaçados; ao ser incorporada pela escola, a Educação Sexual incorpora várias características, entre elas a grande preocupação docente de não pôr sob suspeição os modos de produção e circulação das verdades; devemos levar em conta que a disciplinarização do saber está entre as implicações das relações de poder, como demonstrou Foucault, em estreita relação com a disciplinarização da sociedade. Ao ser atrelado ao aparato médico - científico, o sexo é o elemento ideal para operação do dispositivo da sexualidade, configurando os corpos, estabelecendo as normas de atuação e utilização e imprimindo um perfil distinto daquela que a “ars erótica” construiu em outras civilizações; com isso os discursos da sexualidade cruzaram as ciências modernas do homem, ao que Dreyfus e Rabinow assinalam: “O sexo é a ficção histórica graças à qual podemos estabelecer um vínculo entre as ciências biológicas e as práticas normativas do biopoder.[...] Foucault nos mostra, é exatamente a construção cultural bem-sucedida do sexo como uma força biológica que permite ligá-la às micropráticas do biopoder.” (DREYFUS e RABINOW, 2005, p.196)

Desta forma, no âmbito escolar, Altmann (2003, p.285) revela uma nova responsabilidade: “[...] além do acesso a informações sobre controle de natalidade e práticas preventivas, a escola deve formar sujeitos autodisciplinados que vivam a iniciação de sua vida sexual afastando-se da gravidez, dos perigos trazidos pela AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis (DST’s)”. E, na discussão da educação sexual na escola, normalmente o que tomamos como inadequado não são fatos dados, e sim os apreendidos, pois a autonomia subjetiva do indivíduo em vivenciar o prazer sexual esbarra na possível disciplinarização da sexualidade e na explosão discursiva sobre seus perigos; o discurso sobre a sexualidade vem acompanhado de alertas, para que a desfrutem buscando unir prazer e precaução quanto às consequências indesejadas do sexo. Corroborando com este pensamento, Castro nos diz: “A sexualidade está ao lado da norma, do saber, da vida, do sentido, das disciplinas e das regulações.” (CASTRO, 2009, p.58). Assim, a sexualidade seria percebida antes de qualquer coisa como um dispositivo político, em articulação com o corpo, sobre a sua materialidade. No entanto, sobre o assunto incidem certas prerrogativas; ao nomear os interlocutores possíveis para discuti-la, institui-se um estatuto de especificidade: “Esta personalização, medicalização e significação do sexo, que ocorreu num momento histórico determinado, é o que Foucault denomina dispositivo da sexualidade”, nos dirão Dreyfus e Rabinow (2005, p.188). Deborah Britzman (2001, p. 86) acrescenta que a cultura escolar trabalha com respostas estáveis, sobretudo quando se trata de sexualidade. Em vista disso, a abertura de discussões com o investimento em respostas binárias cria obstáculos a novos temas e curiosidades, pautando a discussão das questões da sexualidade em um espaço de respostas certas e erradas. Este investimento tem a preocupação com interditos para viabilizar o que é considerado um curso natural ou esperado do ser jovem, ou seja, um tipo ideal de juventude: um ciclo de vida orientado para a diversão, para as relações com compromissos de ordem

² Importante intelectual e reformador educacional brasileiro, respondeu a um inquérito promovido pelo Instituto de Higiene da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo sobre educação sexual.

econômico-familiar, para o estudar e para o se preparar para os papéis de adulto. Como a instituição escolar pode lidar com esta linha de tensão entre o possível interdito e a proliferação de discursos sobre a sexualidade?

Um dos investimentos “formais” foi a introdução do tema no currículo: com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1997), surgem os Temas Transversais, entre eles o tema “Orientação Sexual”, e a partir deste documento ocorre oficialmente a inserção da temática sexualidade no currículo. Vários autores se dispuseram então a discutir a nomenclatura em torno deste tema, uma vez que sobre este objeto tensionam vários discursos interessados: “[...] o dispositivo de sexualidade é composto de elementos discursivos diversos, científicos ou não, de práticas institucionais, com suas regras e técnicas de poder, pertinentes a órgãos do Estado, ministérios, secretarias, comissões, escolas, famílias, etc.” (FARHI NETO, 2010, p. 91). E desta forma passou-se a discutir a terminologia mais adequada: “educação” ou “orientação sexual”? Os Parâmetros Curriculares já anunciam em sua denominação o termo “orientação sexual”, possivelmente atrelando sua dimensão à prática realizada na escola, em contaponto à “educação sexual”, tarefa a ser realizada pela família. Xavier Filha, acrescenta: “[...] no meu entendimento, foi uma estratégia para demarcar a função da escola, sem furtar à família a tarefa de educação que lhe compete.” (XAVIER FILHA, 2009, p.22).

Altmann (2003) já apontava questões para discussão quando indicava sua preferência pelo termo “educação sexual” por acreditar que a nomenclatura “orientação sexual” já carrega em si vários atributos, o primeiro estando relacionado ao fato de que originalmente caberia aos Orientadores Educacionais junto com os professores de Ciências discutir o tema sexualidade na escola. Outro aspecto seria quando, na sua utilização, existem problemas de interpretação, visando preconizar determinada constituição da identidade sexual dos sujeitos, assim: “[...] no campo de estudos da sexualidade e nos movimentos sociais, assim como, de um modo geral, na bibliografia internacional, “orientação sexual” é o termo sob o qual se designa a opção sexual, evitando-se, assim, falar em identidade.” (ALTMANN, 2004, p.4). A questão da nomenclatura do termo envolve questões ligadas aos discursos produzidos e sua articulação nas práticas, operando modificações nos campos de legitimação. Assim, em relação aos dois termos, Xavier Filha nos diz: “[...] Não devem limitar-se à extensão dos conceitos, mas questioná-los em relação aos seus processos de significação, representação e legitimação [...] nos dias atuais se tornou comum vê-los empregados como sinônimos ou substitutos do termo ‘educação sexual’.” (XAVIER FILHA, 2009, p.32)

E nesta perspectiva, a autora propõe o uso do termo “educação para a sexualidade”, se contrapondo a uma educação sexual mais centrada em aspectos biológicos, essencializados e generalizantes, que prioriza temas como anticoncepção e prevenção de doenças sexualmente transmissíveis – DSTs.

Articulando o entendimento biológico às construções sociais

Para contemplar uma discussão acerca de abordagens que extrapolem os enfoques biológicos utilizaremos primeiramente o recorte de pesquisa de doutorado³ sobre questões de gênero e sexualidade, conforme ocorrem no contexto escolar, a qual analisou significados construídos por professores/as de uma escola de Ensino Técnico da cidade do Rio de Janeiro; levamos em conta o momento histórico atual marcado por importantes transformações nas identidades e práticas sexuais dos jovens, tendo em vista os deslocamentos em curso na modernidade tardia, uma época marcada por amplas mudanças sociais, onde é possível observar um aumento do

³ A pesquisa “Gênero, sexualidade e o currículo escolar: modos de subjetivação” foi realizada em uma Escola Técnica Estadual do Rio de Janeiro e teve como corpus 14 entrevistas semi estruturadas com professores a respeito da abordagem de questões de gênero e sexualidade no cotidiano escolar.

vínculo das práticas locais com as relações sociais globalizadas; época em que as grandes explicações, ou “narrativas” dão espaço para “[...] uma pluralidade de reivindicações heterogêneas de conhecimento” (GIDDENS, 1991, p.12).

Foi possível identificar na atuação do/a professor/a⁴, no seu fazer cotidiano e a partir de sua experiência, ao se relacionar com as circunstâncias, questionamentos e posicionamentos dos/as alunos/as, a criação de pontes entre os conteúdos a serem desenvolvidos e a possibilidade de reflexões mais criativas sobre eles, mais próximas da realidade do alunado. Ao discorrer como são tratadas as questões sobre sexualidade e gênero na escola a mencionada docente destacou que:

A gente começou a entrar por reprodução, porque entra, também, no tema ‘Sexualidade’, eles se fecham. Eles não gostam. Pelo menos assim, a experiência que eu tenho. Eles não gostam de falar do tema abertamente. Você começa a falar, por exemplo, de uma doença e desencadeia praquilo ali. “Mas professora, o homossexual é mesmo um grupo de risco? Ele pega mais AIDS? Tem alguma coisa nele que faz pegar mais a doença do que outro?”. Então, às vezes, você chega no tema por um assunto do conteúdo, pra você abordar o tema.”

No extrato acima, a professora de Biologia, de acordo com a experiência desenvolvida, destaca ter dificuldade em abordar diretamente a temática sobre sexualidade e aponta caminhos através dos quais a sua abordagem ocorre de forma mais facilitada. A docente nota uma abertura maior por parte do alunado quando a temática é proposta de forma indireta, através de situações específicas (no exemplo, uma doença) que despertam a curiosidade, estabelecem uma maior motivação, aumentando o vínculo com o/a aluno/a, garantindo um envolvimento maior deste em relação aos conteúdos sobre sexualidade a serem abordados.

A fala da professora remete aos resultados do estudo realizado em 1998 por Robert Bastien, pesquisador de Montreal, e relatado por Britzman (2001), a respeito da abordagem pedagógica no ensino médio sobre HIV/AIDS. O estudo evidencia um desinteresse dos/as alunos/as nas aulas em que esta temática é abordada diretamente. Uma das principais razões explicitadas para este fato está na forma como a discussão é organizada, privilegiando um enfoque que prevê respostas certas ou erradas e, portanto, apenas como uma informação fechada em si mesma. Esta abordagem, segundo o estudo, não deixa espaço para o debate de questões com as quais os/as alunos/as se identifiquem. A autora acrescenta que a forma como o conhecimento é concebido e ancorado ou não no interesse dos/as alunos/as será de fundamental importância na repercussão, relevância e utilização deste saber na vida deles/as.

Esta separação contribui também para perpetuar a separação do corpo físico, de assuntos relativos à identidade e ao afeto resultando em uma falta de oportunidade de explorar a subjetividade associada à sexualidade. É importante, no entanto, ter em vista que a abordagem de questões relativas a gênero e sexualidade no contexto do currículo de ciências não precisa obrigatoriamente ser prescritivo, dualista, normalizador ou vinculado exclusivamente a respostas certas ou erradas. É importante que se atente para o questionamento dos/as alunos/as a respeito de situações mais amplas, relativas tanto ao funcionamento do corpo como a sentimentos ou processos de discriminação presentes em suas próprias vidas.

Como exemplo, é possível identificar as questões suscitadas e explicitadas pela professora de Biologia a respeito de doenças sexualmente transmissíveis: “o homossexual é mesmo um grupo de risco?” “Ele pega mais AIDS?” “Tem alguma coisa nele que faz pegar mais a doença

⁴ Entrevista com a professora de Biologia do Ensino Médio, a respeito de sua abordagem das questões de gênero e sexualidade na sala de aula.

do que outro?”. Vemos nestes questionamentos, a possibilidade de articular a abordagem de conteúdos específicos da Biologia às questões relativas às construções sociais que decorrem destes conteúdos (homossexualidade, discriminação, preconceitos).

Processos de subjetivação e educação sexual

Docentes elegem em suas práticas didáticas as maneiras pelas quais irão apresentar determinado tema ou conteúdo; no caso da entrevista⁵ em questão, oriunda do recorte da pesquisa de doutorado em que 7 docentes relataram os motivos pelos quais incorporaram a temática em suas aulas, a Professora Bruna nos conta que foi a Campanha da Fraternidade de 2012 que ofereceu a oportunidade para o uso do livro que discutia sexualidade em sala de aula; para ela o tema “sexualidade” agregaria os atributos que a discussão sobre Saúde Pública incorporada pela campanha poderia levantar. A percepção de Saúde neste sentido volta-se a sua dimensão de cuidado, ou de forma mais específica a cultura do “cuidado de si”, possivelmente em uma das perspectivas que são oferecidas por Foucault. Com tal esclarecimento o filósofo endossa que sua preocupação seria cada vez mais com as tecnologias da dominação individual, na história do modo em que um indivíduo atua sobre si mesmo, isso é, na “tecnologia do eu [si]”; para Foucault (1988) são importantes os componentes constitutivos e as interações entre os sujeitos na construção dos aparatos discursivos que incitam ao “falar-se”; o filósofo estaria especialmente interessado no papel da ciência e em sua ligação com a confissão, a verdade e o poder; segundo Dreyfus e Rabinow (2005, p.192), para o autor:

As normas científicas e o discurso científico imparcial (em particular o discurso médico) tornaram-se tão dominantes na sociedade ocidental que parecem sagrados. Além disso, através da expansão dos métodos da ciência, o indivíduo tornou-se um objeto de conhecimento para si mesmo, a fim de se conhecer e ser conhecido; um objeto que aprende a operar transformações em si mesmo. Essas são as técnicas que ligam o discurso científico às tecnologias do eu.

Silvio Gallo acrescenta: “[...] E, nesse processo o tema da ética, da relação do sujeito consigo mesmo como uma forma de educação, como uma forma de produção autônoma e libertária da subjetividade, que mais tarde seria completamente capturado pela máquina de subjetivação cristã, torna-se evidente.” (GALLO, 2006, p.72). Bruna [professora de ensino Religioso] salienta este aspecto comentado por Gallo: quando questionada sobre como se realiza o trabalho com o paradidático que aborda sexualidade, ressalta a supremacia de questões voltadas ao “aspecto biológico” da sexualidade, evidenciando os pressupostos que norteiam seu trabalho:

*[...] quando é uma questão mais assim, por exemplo [...] Sobre os hormônios dos meninos, né? Porque nascem os pelos, né? Nasce a barba. E nas meninas nascem os pelos da púbis, e os seios aumentam, e aí eles começaram a querer saber coisas mais destinadas a parte interna do corpo, **mais corpo humano mesmo**, assim. Daí eu falei assim para eles, gente, eu não posso afirmar porque eu não tenho formação em Ciências, como a Rita [professora de Biologia] já está nessa parte, vocês perguntem a ela. Aí na hora do recreio, eu falei: Rita, olha, eles estão me perguntando isso, assim, assim, eles vão provavelmente perguntar a você, e aí ela disse que perguntaram mesmo e ela falou e tudo mais. Então, existe assim, a gente*

⁵ Entrevista realizada em escola particular do bairro da Tijuca, no Rio de Janeiro, em junho de 2012. A docente adota os livros: “O sexo é agora” no 8º ano e “Adolescente, um bate-papo sobre sexo”⁵ no 9º ano do ensino fundamental discute a temática da sexualidade usando tais livros na disciplina de Ensino Religioso. O nome da entrevistada é fictício.

procura estar esclarecendo essas dúvidas deles. Na verdade a minha proposta com eles, ela vai mais no trato enquanto ser humano, enquanto pessoa, enquanto essa relação deles com o outro.

Com este pequeno extrato, vislumbramos a questão do cuidado de si em sua relação com a discussão da sexualidade na escola; não temos a pretensão de explorar a gama de significados que o conceito abarca, pois o mais importante aqui seria entender como jogos de poder e de saber constituem os modos de subjetivação, as maneiras através das quais os sujeitos são produzidos, como assujeitamento e como libertação; neste ponto, observados percebemos que a “cultura do cuidado de si” atrela-se ao dispositivo da sexualidade na forma normativa do discurso científico sobre o assunto; melhor dizendo, em sua face intrinsecamente ligada à produção de um dizer verdadeiro sobre o tema sexualidade/saúde ampara-se no binômio saúde/doença e normal/anormal, pontuando as preocupações daqueles que pensam e atuam com a temática da sexualidade na escola. No desdobramento do aspecto abordado pela professora Bruna, evidencia-se outro: o tipo de abordagem da sexualidade, ou seja, como as perguntas e respostas aos jovens e crianças eram realizadas e debatidas e os motivos da incorporação do tema de forma específica. A abordagem da sexualidade enfocando principalmente a vulnerabilidade dos jovens às DSTs, ao HIV/AIDS, evidencia-se como fenômeno relevante à análise e classificação na perspectiva do campo da Saúde. A emergência deste enfoque envolve questões relacionadas a uma abordagem da educação sexual que Arilha e Calazans (1998) chamaram de “preventivista”; sinalizando a preocupação para o que é considerado um curso natural ou esperado do ser jovem, apontando para a expectativa educacional de um tipo ideal para aquele recorte etário.

Conclusão

O surgimento da epidemia de HIV/AIDS e o aumento da gravidez na adolescência ocorridos nas últimas décadas colocaram a escola como ponto estratégico para a divulgação a respeito de sua prevenção, incrementando a abordagem das temáticas de gênero e sexualidade na escola. Neste movimento, a Educação Sexual encontrou sua principal voz através dos discursos da Saúde e da Biologia, o que tornou o ensino de Ciências o local mais propício, ainda que não o único, como observamos nos resultados apresentados, para a abordagem de tais questões. Notamos também a preocupação por parte dos/das docentes com a constituição moral do sujeito, seu/sua aluno/a, incitando uma abordagem voltada para a ação reflexiva, em que os atos voltados ao “analisar-se”, tomar para si o próprio destino ficam mais evidentes; tal pensamento possivelmente seria oriundo da crença em uma possível essência constitutiva da subjetividade, que sustenta o sujeito e encontra respaldo no saber dito científico, preponderante para a suposta racionalidade, assim em algumas posturas docentes na discussão da sexualidade na escola foi possível vislumbrar o privilégio às práticas de si, imbricadas nas técnicas de subjetivação do sujeito, no vínculo histórico entre subjetividade e verdade.

No entanto, mesmo que estes mecanismos de subjetivação a princípio pareçam trazer à tona subjetividades inexoravelmente ligadas à racionalidade, é importante levar em conta que a abordagem das temáticas ligadas à sexualidade na escola envolve práticas e políticas sempre em constantes mudanças, provocando desafios que apontam tanto para a forma de desenvolvimento dos conteúdos, considerando suas repercussões sociais, como para a necessidade de formação específica dos/as docentes para o desenvolvimento de tais temáticas.

Assim acreditamos que para discussão da sexualidade na escola, seria necessário um investimento maior em abordagens realizadas de forma dialógica, despertando nos/as alunos/as questionamentos que trazem à tona, inclusive, situações existenciais vividas no cotidiano escolar; estes questionamentos vão além dos conteúdos calcados na racionalidade

científica e apontam, dentre outros, para significados políticos e sociais propícios à reflexão crítica a respeito das condições históricas e sociais envolvidas na construção do conhecimento.

Referências

- ALTMANN, H. **A sexualidade adolescente como foco de investimento político educacional**. In: 27^a ANPED - MG, 2004. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t235.pdf>>. Acesso em: 12 mar 2007.
- _____. **Orientação sexual em uma escola**: recortes de corpo e de gênero. Campinas, SP: Cadernos Pagu, 2003, v. 21, p. 281-315.
- _____. **Sobre a educação sexual como um problema escolar**. Linhas (UDESC), v. 7, p. 3, 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1324>>. Acesso em: 3 ago 2010.
- _____. **Verdades e pedagogias na educação sexual em uma escola**. Tese (doutorado em Educação). Departamento de Educação- PUC - Rio, Rio de Janeiro, 2005.
- ARILHA, M., CALAZANS, G. Sexualidade na Adolescência: o que há de novo? Em E. Berquó (Org.). **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas** v.2. (p. 687-712). Brasília: CNPD, 1998
- BARROS, S. e RIBEIRO, P. Educação para a sexualidade: uma questão transversal ou disciplinar no currículo escolar?. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v.11, n.1, p.164-187, 2012.
- BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Pluralidade Cultural, Orientação Sexual**. Vol10. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRITZMAN, D. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CESAR, Maria Rita. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma “Epistemologia”. **Educar**. Curitiba, n. 35, p. 37-51, 2009.
- DREYFUS, H. L.; RABINOW, P. **Michel Foucault. Uma trajetória filosófica**. Para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FAHRI NETO, L. **Biopolíticas**: as formulações de Foucault. Florianópolis: Cidade Futura, 2010.
- FOUCAULT, M. **História da sexualidade I**. São Paulo: GRAAL, 1988.
- _____. **História da sexualidade II**. SP: Graal. 1984.
- GALLO, S. D. Cuidar de si e cuidar do outro: implicações éticas para a educação dos últimos escritos de FOUCAULT, 12/2006. **Revista ADVIR**, vol. 1, fac. 20, p.71-79, UERJ, Rio de Janeiro, 2006.
- GIDDENS, A.. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- LOURO, G. **O corpo Educado: pedagogias da sexualidade**. BH: Autêntica, 2001.
- XAVIER FILHA, C. (org.). **Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2009.